O ensino de geografia e a construção de representações sociais sobre a Amazônia

La enseñanza de la geografía y la construcción de representaciones sociales sobre la Amazonía

The education of geography and the construction of social representations on the Amazonia

Genylton Odilon Rêgo da Rocha
Programa de Pós-graduação em Educação do
Centro de Educação - Universidade Federal do Pará
Av. Timbó, 2.350, apto. 1003 - Marco
CEP: 66.093-340 - Belém - PA
genylton@ufpa.br

Izabel Cristina Raiol Amoras
Rede Municipal de Ensino de Belém (SEMEC)
Av. Timbó, 2.350, apto. 1003 - Marco
CEP: 66.093-340 - Belém - PA

Resumo: Este artigo, apresenta o resultado das analises que fizemos de desenhos e pequenos textos, produzidos durante as aulas de Geografia, por alunos e alunas de uma escola publica, localizada na periferia de Belem, uma das principais cidades da Amazonia brasileira. Nestas atividades, manifestaram-se as representacoes sociais estereotipadas e mistificadoras que estes(as) alunos(as) possuem sobre a regiao. Acreditamos que este estudo possa contribuir para que nossos(as) educadores(as) e alunos(as) tomem conhecimento sobre estas representações, as desvelem, reflitam sobre as mesmas e re-elaborem seus conhecimentos acerca da região na qual eles e elas vivem e nela protagonizam o processo de produção do espaço geográfico.
Palavras-chave: Amazônia; Representações sociais; Ensino de geografia.

Resumen: Este artículo presenta el resultado de los análisis que hicimos de dibujos y pequeños textos producidos durante las clases de Geografía por alumnos y alumnas de una escuela pública ubicada en un barrio periférico de Belém, una de las principales ciudades de la Amazonía brasileña. El resultado de tales actividades dejó claras las representaciones sociales estereotipadas y mistificadoras que estos alumnos y alumnas observan acerca de la región. Creemos que este estudio pueda contribuir a que nuestro/as educador/as y alumno/as conozcan estas representaciones, las desvelen, reflexionen respecto de ellas y reconstruyan sus conocimientos sobre la región donde ellos y ellas viven y protagonizan el proceso de producción del espacio geográfico.
Palabras-clave: Amazonía; Representaciones sociales; Enseñanza de geografía.

Abstract: This article presents the result of the analyzes that we made of drawings and small texts, produced by students of a public school, during the lessons of Geography; the school was located in the periphery of Belem, one of the main cities of the Brazilian Amazonia. In these activities, the stereotyped and mystified social representations, which these students possess on the region, had been disclosed. We believe that this study can contribute so that ours educators and students take knowledge on these representations, to disclose them and that they work out its knowledge concerning the region in which they live and in it they carry out the production process of the geographic space.
Keywords: Amazonia; Social representations; Geography education.

Introdução

A partir das experiências adquiridas com a docência na disciplina Geografia, em uma escola pública de Ensino Fundamental, em regime de ciclos, localizada em um bairro periférico do município de Belém – Pará, detectamos, ao trabalharmos com os conteúdos relacionados à geografia amazônica, que grande parte dos conhecimentos prévios dos alunos sobre a realidade desta região, evidenciavam representações por eles adquiridas através dos livros didáticos, da mídia, da escola, etc.

Conforme aprendemos com Penin (1995), as representações não se distinguem em verdadeiras ou falsas, por tanto, nossas analises não buscam, a partir de um dado juízo de valor, identificar o grau de veracidade ou de falsidade presente nas representações manifestas nas atividades realizadas pelos alunos. Partindo do principio de que as representações se distinguem em estáveis e moveis, em reativas e superáveis, em alegorias e em estereótipos incorporados, conforme afirma Penin (op.cit), de maneira sólida em espaços e instituições, buscamos desvelar o caráter estereotipado e mistificador presente nas representações sociais que os (as) alunos (as) têm da Amazônia.

Conforme sentenciou Penin (1995), as representações que os sujeitos elaboram sobre as obras em um dado momento histórico não são por si só suficientes para dominá-la e ao seu processo de construção, porem, sabe-se que algumas representações podem se consolidar, gerando a modificação do concebido ou do vivido, daí a importância de conhecer as representações que os(as) alunos(as) têm da Amazônia em um determinado momento, para que a partir de seu conhecimento, possamos contribuir para que os próprios sujeitos que as mantém possam desvelá-las e nós próprios sobre elas possamos trabalhar. Acreditamos, assim como Penin (op. cit: 139), que "(...) 'abrindo' as representações ao pensamento, possibilitaremos que elas sejam atravessadas por ações transformadoras que orientem cada obra a atingir os objetivos a que se propõe".

A partir de nossas constatações buscamos compreender de que forma o currículo e a disciplina Geografia, no Ensino Fundamental, poderiam contribuir para desmistificar estas representações, permitindo que nossos alunos possam, então, desvelá-las e assim re-elaborar o seu conhecimento sobre a região na qual eles e elas vivem e são protagonistas e da qual apresentamos, a seguir, algumas de suas principais características sócio-espaciais.

Algumas considerações sobre as características sócio-espaciais da Amazônia

Segundo a Rede GTA (Grupo de Trabalhadores Amazônicos – 2002), na Amazônia vivem aproximadamente 20 milhões de pessoas, entre as quais 180 povos indígenas com diferentes dialetos, e milhões de trabalhadores rurais e extrativistas. Esta população encontra-se distribuída em 3 centros urbanos com mais de um milhão de habitantes (dentre eles a cidade de Belém) e 23 cidades médias com população entre 50 e 500 mil habitantes, além de uma enorme malha de pequenas sedes municipais, vilas, comunidades e localidades. Os indicadores de desenvolvimento humano são baixos, com graves distorções no acesso a direitos básicos no que se refere à saúde, educação e posse de terra.

Sabemos que a "nossa" região amazônica possui uma complexidade que abriga uma extraordinária diversidade de ecossistema, de grupos sociais e de peculiaridades locais.

Não é possível entender a Amazônia sem conhecer no passado e no presente da região o genocídio dos povos indígenas, a exploração da mão de obra escrava e a devastação para gerar riqueza que tem sido apropriada por tão poucos. Soma-se a isso a apropriação e concentração de terra que representa um dos motivos que incentivam a expulsão e a violência contra trabalhadores do campo. A existência do grande latifúndio está relacionado à violência e aos constantes conflitos de territorialidade que têm resultado nos inúmeros e absurdos crimes no campo, com a sistemática morte de camponeses(as) e daqueles(as) que lhes dão apoio – políticos(as), missionários(as), advogados(as) etc.

O conflito de territorialidades compromete a vida e a dignidade de variados atores sócias que vivem na Amazônia. São indígenas, ribeirinhos(as), comunidades de pescadores, quebradeiras de coco, quilombolas, extrativistas da castanha e de outras especiarias existentes na floresta, pequenos agricultores, etc.

No cotidiano desta imensa região o rio funciona como uma estrada, constituindo-se, também, no lugar onde trabalham pescadores(as), trabalhadores(as) de embarcações e ribeirinhos(as) em geral. O rio, segundo Loureiro (2002, p. 11), "condiciona, inclusive, a cultura das populações ribeirinhas. É por isto que os grandes mitos da cultura amazônica estão ligados ao rio e a água, como o mito do boto, da cobra grande e outros".

Nas últimas décadas, em função do modelo de desenvolvimento implantado na região, ocorreram aberturas de estradas, que cortam a terra firme, deslocando para estas áreas novos fluxos e fazendo surgir novos fixos. Como nos lembra Gonçalves:

> (...) podemos dizer que uma Amazônia estava descartada, aquela do padrão rio-várzea-floresta. Não é a partir das suas condições culturais e ecológicas que ela será incorporada à nova dinâmica do capitalismo, agora profundamente internacionalizado. Ao contrário, e mais uma vez, ela será apropriada material e simbolicamente pelos valores dos "de fora". (2001, p. 101)

Vale ressaltar que as nossas lendas, valores, hábitos e a nossa história, foram paulatinamente sendo distanciadas do cotidiano escolar. Assim, aumenta o número de pessoas que não sabem onde estão, o que representam e quem são. Eis a razão que nos faz, concordar com Oliveira (2003, p. 11) quando este afirma que:

> Nada contra culturas e valores outros; muito pelo contrário, se possível fosse, deveríamos conhecê-las todas. No entanto, temos que primeiro conhecer, exaltar e gostar das coisas que esta nossa portentosa Amazônia nos oferece, (...) vamos nos posicionar contra esta postura preconceituosa existente contra nós (...).

É fato que os vários preconceitos relativos à cultura do homem da Amazônia e mesmo em relação à própria região, vão sendo manifestados através de jornais e revistas de circulação nacional, programas de televisão, nos debates do Congresso Nacional e até mesmo nos documentos que apresentam as políticas públicas para a região.[1]

[1] Sobre o assunto pode-se ler interessante obra produzida por Nahum (1999).

Loureiro, ao realizar estudos sobre este mesmo assunto, detectou que pelo menos dois entre tantos preconceitos são freqüentes nos canais de comunicação de massa:

> O primeiro é a idéia de que índio e caboclos viveram em terras muito vastas e ocupam essas terras em atividade pouco produtivas, do ponto de vista econômico. (...) A outra é a idéia (aliás, aqui se trata de um preconceito) de que caboclos e índios teriam uma cultura pobre, primitiva, tribal e, portanto, inferior e pouco importante. (2000, p. 104)

Estes comentários contribuem para camuflar a realidade e acabam fazendo com que as pessoas pensem que índios e caboclos nada têm a somar com o desenvolvimento da região. Desconsidera-se que os diversos grupos sócias que habitam a Amazônia possuem uma enorme e rica cultura acumulada durante séculos, e que no processo de desenvolvimento da região, esta deveria ser valorizada pelas políticas públicas. Como afirma Loureiro (2000), o saber acumulado por essas culturas, ao invés de ser menosprezado ou ignorado, deveria ser respeitado.

Deve-se destacar que a desvalorização cotidiana da cultura regional, manifesta-se também nas instituições escolares através de seus currículos, que destacam outras culturas, secundarizando a própria cultura regional. Uma das conseqüências desse fato que estamos a destacar é que as identidades culturais de grupos sociais da região passam por um intenso processo de descaracterização e negação, conforme podemos perceber, por exemplo, nas analises que fizemos das representações sócias dos(as) alunos(as) que estudam no ensino fundamental de uma escola pública localizada em Belém. Antes dessa tarefa, porém, faz-se necessário discutirmos um pouco sobre o conceito de representações sociais.

O Que São Representações Sociais?

Já há algum tempo, o termo representação vem sendo objeto de interesse, preocupação, teorização e conceituação por parte de diferentes estudiosos, sejam eles filósofos, psicólogos, sociólogos ou educadores.

Durkheim, um pioneiro nos estudos sobre representações, defendeu a existência de uma separação radical entre representações "individuais" e "coletivas". Para este autor, as primeiras constituíam o campo de estudo da psicologia, enquanto as segundas formariam o objeto da Sociologia. Preocupado mesmo em dar a Sociologia um caráter autônomo, este autor buscou dar as representações coletivas um caráter *sui generis*. Para ele, estas eram formas estáveis de compreensão coletiva, com o poder de obrigar, que pode servir para integrar a sociedade como um todo. Tal concepção, explica Duveen (2004) deve-se ao fato de Durkheim ter produzido uma Sociologia "consistentemente orientada àquilo que faz com que as sociedades se mantenham coesas, isto é, às forcas e estruturas que podem conservar, ou preservar, o todo contra qualquer fragmentação ou desintegração;". Nesta lógica, as representações coletivas têm um poder de obrigar, ajudar a integrar e a conservar o todo social.

Contrapondo-se a muitas das idéias defendidas por Durkheim sobre as representações, temos Serge Moscovici. Este autor trabalha com o conceito de representação social,

definindo-a como um sistema de valores, idéias e praticas que possuem uma dupla função: primeiramente, a de estabelecer uma ordem que possibilitara às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; uma segunda função seria a de possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes, o que o autor denomina de códigos para nomear e classificar, de maneira não ambígua os vários aspectos de seu mundo e da sua historia individual e social (MOSCOVICI, 2003). Este mesmo autor explica que o propósito de todas as representações é tornar o não-familiar, ou a própria não-familiaridade, familiar.

Explicitando um pouco mais estas duas funções exercidas pelas representações, Moscovici (op.cit), nos ensina que as representações sociais convencionalizam os objetos, pessoas ou acontecimentos que encontram. As representações lhes dão forma definitiva, as localizam em uma determinada categoria e gradualmente as colocam como modelo de determinado tipo, distinto e compartilhado por um grupo de pessoas. Por tanto, as representações ao convencionarem os objetos, possibilitam que conheçamos o que representa o quê, assim, cada experiência se soma a uma realidade pré-determinada por convenções que claramente definem fronteiras, distingue mensagens significantes de mensagens não-significantes e que liga cada parte a um todo e coloca cada pessoa em uma categoria distinta. Segundo Moscovici (2003, p. 35)

> Nos pensamos através de uma linguagem; nos organizamos nossos pensamentos, de acordo com um sistema que está condicionado, tanto por nossas representações, como por nossa cultura. Nos vemos apenas o que as convenções subjacentes nos permitem ver e nos permanecemos inconscientes dessas convenções.

O autor nos mostra, também, que as representações são prescritivas, ou seja, elas se impõem sobre nos com a força irresistível. Essa força é uma combinação de uma estrutura que está presente antes mesmo que nos comecemos a pensar e de uma tradição que decreta o que deve ser pensado. Afirma Moscovici (2003, p. 37):

> E, pois fácil ver por que a representação que temos de algo não esta diretamente relacionada à nossa maneira de pensar e, contrariamente, por que nossa maneira de pensar e o que pensamos depende de tais representações, isto é, no fato de que nos temos ou não temos dada representação. Eu quero dizer que elas são impostas sobre nos, transmitidas e são o produto de uma seqüência completa de elaborações e mudanças que ocorrem no decurso do tempo e são o resultado de sucessivas gerações.

Estudando o pensamento de Moscovici, aprendemos que todas as interações humanas, tenham elas surgidas entre duas pessoas ou mesmo entre dois grupos, pressupõem representações. Estas não são criadas por um individuo isoladamente, porem, uma vez criadas, elas adquirem uma vida própria, circulam, se encontram, se atraem e se repelem e dão oportunidades ao nascimento de novas representações, enquanto velhas representações morrem.

Devemos ter em mente que quando mais a origem de uma representação é esquecida, e sua natureza convencional é ignorada, mais fossilizada ela se torna.

Outra importante estudiosa das representações sociais é Denise Jodelet. Segundo esta autora, o conceito de representação social:

> 1) Designa uma forma de conhecimento especifico, o saber de sentido comum, cujos conteúdos manifestam a operação de processos gerativos e funcionais socialmente caracterizados. Em sentido mais amplo, designa uma forma de pensamento social;
> 2) Constitui uma modalidade de pensamento pratico orientado para a comunicação, a compreensão e o domínio do entorno social, material e ideal. Enquanto tal, apresenta características especificas em nível de organização dos conteúdos, das operações mentais e da lógica. (apud PEDRA, 1997, p. 20)

Jodelet explica-nos o processo pelo qual se formam as representações. Com base em um exercício vigoroso de revisão bibliográfica, esta autora identificou seis tendências explicativas[2]. Interessa para este trabalho a perspectiva de caráter mais sociologizante, para a qual a atividade representativa é entendida como reproduções dos esquemas de pensamento socialmente estabelecidos, de visões estruturadas por ideologias dominantes. *Ipso facto*, as representações sociais remetem sempre a um grupo, a uma classe social, a uma cultura. Destaque-se que todas as representações sofrem a interferência do meio na sua constituição e necessitam de uma consciência que as sustente.

Outra importante contribuição para os estudos sobre as representações sociais foi dada por Henri Lefebvre. Segundo os estudos feitos por Penin (1995) sobre a obra lefebvriana, este autor considera a representação como sendo o terceiro termo que se forma a partir da dupla "representante-representado" de vasta discussão realizada pela Filosofia. As representações ocupam os intervalos, os interstícios entre o sujeito e o objeto clássicos, entre a presença e a ausência, entre o vivido e o concebido. Lefebvre explica que o concebido e o vivido se relacionam em um movimento constante e dialético e entre ambos as representações fazem às vezes de mediadoras. Algumas dessas representações se consolidam, chegando mesmo a modificar o concebido e o vivido, outras, no entanto, circulam ou desaparecem sem deixar pistas.

Penin (op. cit) esclarece que na modernidade, nos presenciamos a hegemonia do saber, do concebido sobre o vivido, fato que se explica pela superistimação da lógica, do discurso, da representação em geral. As representações, por tanto, não são sinônimo de vivido, pois elas não alcançam a realidade que se vive, pois "Uma realidade especifica, entendida como 'presença' única (por exemplo, a realidade escolar), é uma obra socialmente construída por aqueles que a vivenciaram." (1995, p. 28). Obra é algo distinto de produto; o primeiro termo designa na teorização lefebvriana, aquilo que é único e o segundo, aquilo que é reprodutivo. O produto permanece no meio das representações, enquanto a obra situa-se para alem delas, apesar de estas circularem ao seu redor.

> As representações circulam ao redor de coisas fixas: instituições, símbolos, arquétipos. Interpretam a vivencia e a pratica, intervém nelas sem por isto conhecê-las e dominá-las. Também em relação à obra-escola, as representações pululam, ou seja, as pessoas que se utilizam de alguma forma desta obra interpretam-na, explicando, desse

[2] Ver uma síntese do estudo feito pela autora em Pedra (1997).

> modo, a vivencia (vivencias) e a pratica ai realizadas. Entretanto, a interpretação que as pessoas estabelecem sobre a obra não lhes possibilita conhecê-la e dominá-la. (PENIN, 1995, p. 29)

Lefebvre apud Penin (op.cit) ensina-nos que as representações não se distinguem em verdadeiras e falsas, podendo ser ao mesmo tempo falsas e verdadeiras. Verdadeiras quando elas se constituem enquanto respostas a problemas "reais", e falsas quando elas assumem papel dissimulador das finalidades "reais". Penin, com base nos estudos feitos por Lefebvre, afirma que as representações possuem um caráter paradoxal, pois:

> (...) não são 'fatos sociais', pois não possuem consistência própria; não são 'fatos psíquicos', ainda que motivem os atos, pois só surgem na relação; não são 'fatos da linguagem', ainda que o discurso seja seu suporte. As representações não podem reduzir-se nem a um veiculo lingüístico nem a seus suportes sociais; para captá-las é necessário estudar o discurso e a pratica social correspondente e, por isso, Lefebvre (...) se refere a elas como 'fatos de palavras e de pratica social'. (PENIN, 1995, p. 29)

Em síntese, podemos afirmar que os estudos sobre as representações sociais, buscam compreender como o indivíduo ou a coletividade interpreta a realidade de uma sociedade, expressando o conhecimento que cada pessoa ou grupo detém sobre um determinado tema. Buscam, portanto, caracterizar as relações que cada indivíduo estabelece com o seu meio social.

O Estudo das representações sociais permite mostrar caminhos para conhecer o processo de construção de conhecimento. Dessa forma, a linguagem, a ideologia e o imaginário social, tornam-se elementos essenciais ao entendimento da elaboração e veiculação de conceitos e imagens da realidade, levando, portanto, a distinguir as representações estereotipadas e mistificadoras que impedem ações transformadoras.

Como podemos aferir, através do conhecimento das representações, pode-se compreender a maneira como os sujeitos sociais apreendem e interpretam os acontecimentos do cotidiano, as características do meio, e absorvem os bombardeios de informações que circulam nas relações sociais.

È intenção deste trabalho apresentar as representações sociais que alunos(as) de uma escola pública localizada em Belém têm acerca da região amazônica, região na qual os(as) mesmos(as) nasceram e/ou habitam. Para tanto, as idéias sobre representações formuladas pelos(as) autores(as) que apresentamos acima, serviram de fundamentação teórica no processo de análise dos textos e desenhos elaborados pelos(as) alunos(as), cujos resultados apresentamos no próximo tópico.

As Representações Sociais de Alunos e Alunas do Ensino Fundamental Sobre a Amazônia

A disciplina geografia presente no currículo prescrito para as escolas de ensino fundamental tem buscado trabalhar com os conhecimentos referentes ao espaço geográfico.

Uma das vertentes atuais da prática de seu ensino tem dado ênfase, conforme destaca Cavalcanti (2002), a necessidade de se trabalhar com os conhecimentos prévios dos(as) alunos(as), considerando-os(as) como sujeitos ativos do processo ensino-aprendizagem. Esta vertente sócio-interacionista não vê o espaço geográfico apenas como uma categoria teórica, mas o considera enquanto uma categoria exatamente pelo fato do espaço ser vivido por nós, sendo ele resultante de nossas ações. Por isso mesmo, ensina-nos Cavalcanti (2002, p. 19) que:

> (…) um dos modos de captar a geografia do cotidiano pode ser o trabalho com as representações sociais dos alunos, e buscar essas representações tem se revelado um caminho com bons resultados para permitir o diálogo entre o racional e o emocional,o verbalizado e o não verbalizado, entre a ciência e o senso comum, entre o concebido e o vivido.

A partir da incorporação desta idéia, realizamos a coleta de trabalhos que foram solicitados aos(as) alunos(as), por docentes que trabalham com a disciplina geografia. Tais atividades foram desenvolvidas durante os anos letivos de 2002, 2003 e 2004, por alunos de turmas de sexta série em uma escola pública municipal, localizada em Belém. Havia sido solicitado aos(as) alunos(as) que elaborassem desenhos livres e pequenos textos, através dos quais eles e elas expressassem suas compreensões acerca do que era a Amazônia.

Os(as) alunos(as) das turmas em que a atividade foi realizada encontravam-se na faixa etária de 12 e 14 anos. A grande maioria era moradora das proximidades da escola e conforme documentos analisados na secretaria escolar (fichas de matrícula), bem como em relatos feitos pelos(as) próprios(as) alunos(as), descobriu-se que muitos(as) nasceram em municípios do interior do Estado do Pará, como: Cachoeira do Arari, São Sebastião da Boa Vista, Curralinho, Breves, Salvaterra (todos localizados no Arquipélago do Marajó), ou em municípios localizados no nordeste paraense, como Marapanim e Curuçá. Estes alunos fazem parte de famílias que saíram do interior da Amazônia a procura de melhores condições de vida e que engrossam as estatísticas dos deserdados, que buscam nas grandes cidades a utopia de uma vida melhor. São os expulsos do interior em função da ausência de políticas públicas eficientes que combatam e solucionem a miséria que vem marcando a realidade da sociedade amazônica.

O material coletado a partir das atividades realizadas pelos alunos(as), tornou explicitas as representações sociais que estes(as) possuem sobre a Amazônia. Ao analisá-las, não estamos buscando distinguir representações falsas das verdadeiras, pois como já foi explicitado neste texto, as representações não se distinguem em verdadeiras e falsas. Também sabemos que tais representações não são frutos da criação individual criadas por um individuo isoladamente, são elas sempre produto da interação e comunicação.

Para que melhor conheçamos estas representações, agruparemos os desenhos e textos produzidos pelos alunos e alunas considerando a visão hegemônica de Amazônia neles presentes.

Amazônia, um lugar distante

Um primeiro aspecto que nos chamou atenção nas atividades produzidas foi o fato de que, para a maioria dos(as) alunos(as), a Amazônia é um lugar distante, do qual eles e elas não fazem parte, conforme podemos perceber nos exemplos abaixo relacionados.

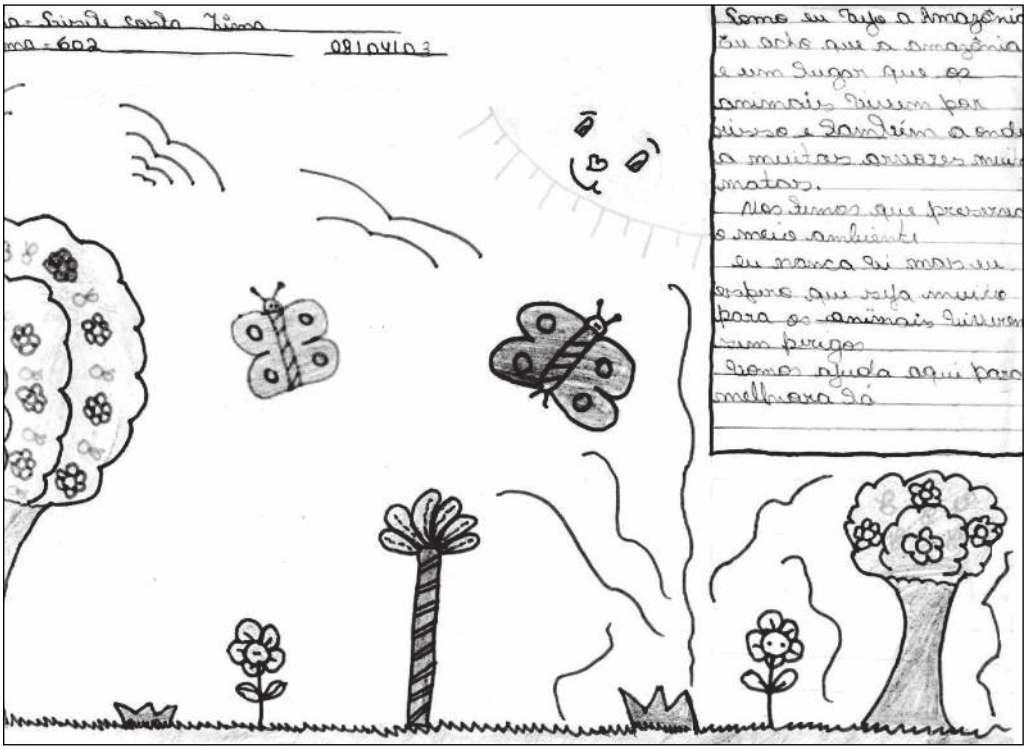


Figura 1

"A Amazônia é um lugar que os animais vivem pori sso e também a onde a muitas arvores muita matas. Nos temos que preserva o meio ambiente. Eu nunca vi mas eu espero que seja muito para os animais viverem sem perigos. Vamos ajuda aqui para melhora lá" Atividade elaborada pela aluna Gisele, 13 anos (2003).

Como podemos perceber na Figura 1, a aluna, através de sua ilustração e texto, apresenta-nos uma Amazônia paradisíaca, romantizada, onde a fauna e flora, ricas e diversificadas, precisam ser preservadas. O discurso ambientalista foi absorvido pela aluna e em sua representação, a Amazônia, em perigo, necessita de ajuda para ter seu ambiente preservado. Mas esta Amazônia, como podemos perceber, é um lugar distante, não estando a aluna inserida neste espaço. Ela diz nunca ter visto a Amazônia.

Mais ilustrativa é a atividade elaborada pelo aluno Moises, abaixo reproduzida.

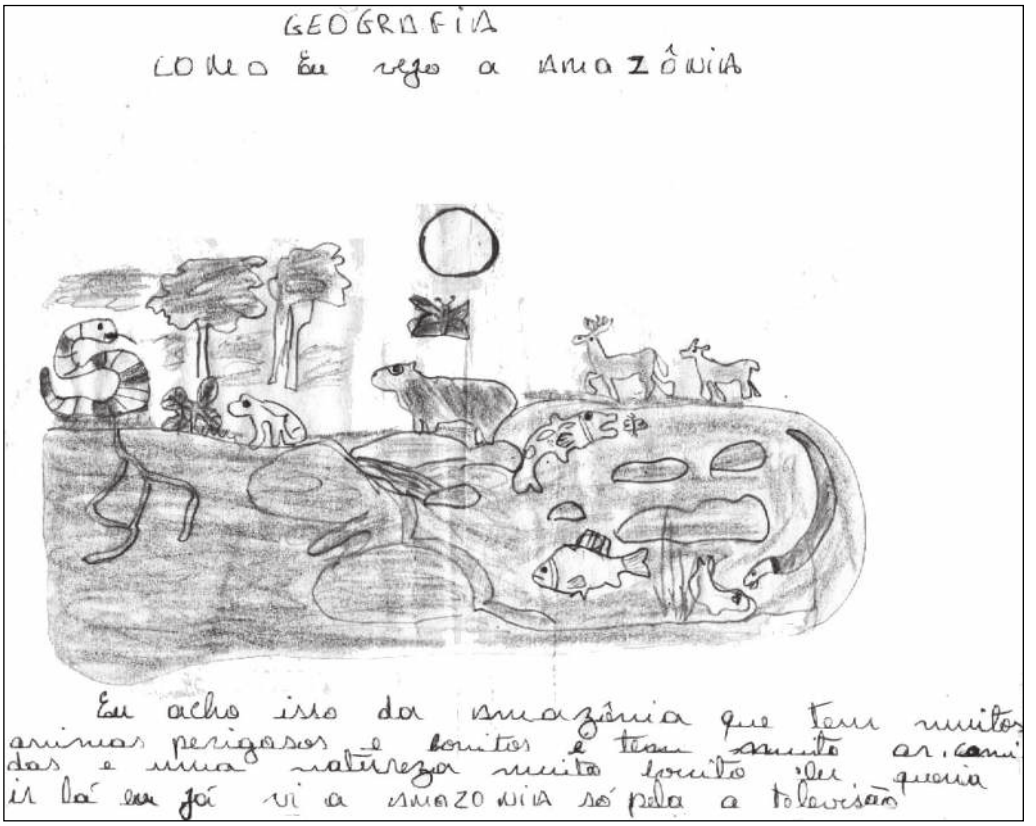


Figura 2

"Eu acho isso da Amazônia que tem muitos animais perigosos e bonitos e tem muito ar, comidas e uma natureza muito bonito eu, queria ir lá eu já vi a AMAZÔNIA só pela televisão" Atividade elaborada pelo aluno Moisés, 13 anos, 2002.

Para este aluno, assim como para os demais, a Amazônia limita-se a um conjunto de elementos naturais. A sociedade não se faz presente. Não há espaço produzido. E total a ausência de identidade, de sentimento de pertença. Para o aluno, a Amazônia é um outro lugar, e apesar de ser um residente em Belém e assim como a maioria de seus/suas colegas, ter nascido no interior do Estado, o aluno diz desejar ir à Amazônia, pois ele só a conhece por meio da televisão.

Assim como os exemplos anteriores, as representações sociais manifestas na atividade elaborada pelo aluno Nailson, reforçam que a visão de uma Amazônia naturalizada, que nunca é encarada como um espaço resultante do trabalho de homens e mulheres históricos é hegemônica entre estes(as) alunos(as). Em seu discurso, encontramos, mais uma vez, a idéia de que a Amazônia é um outro lugar que não o que ele vive. Presente na sua escrita, através da qual ele nos diz nunca ter visto a Amazônia e nada saber sobre esta região, está a negação de uma identidade, a ausência do sentimento de pertença.

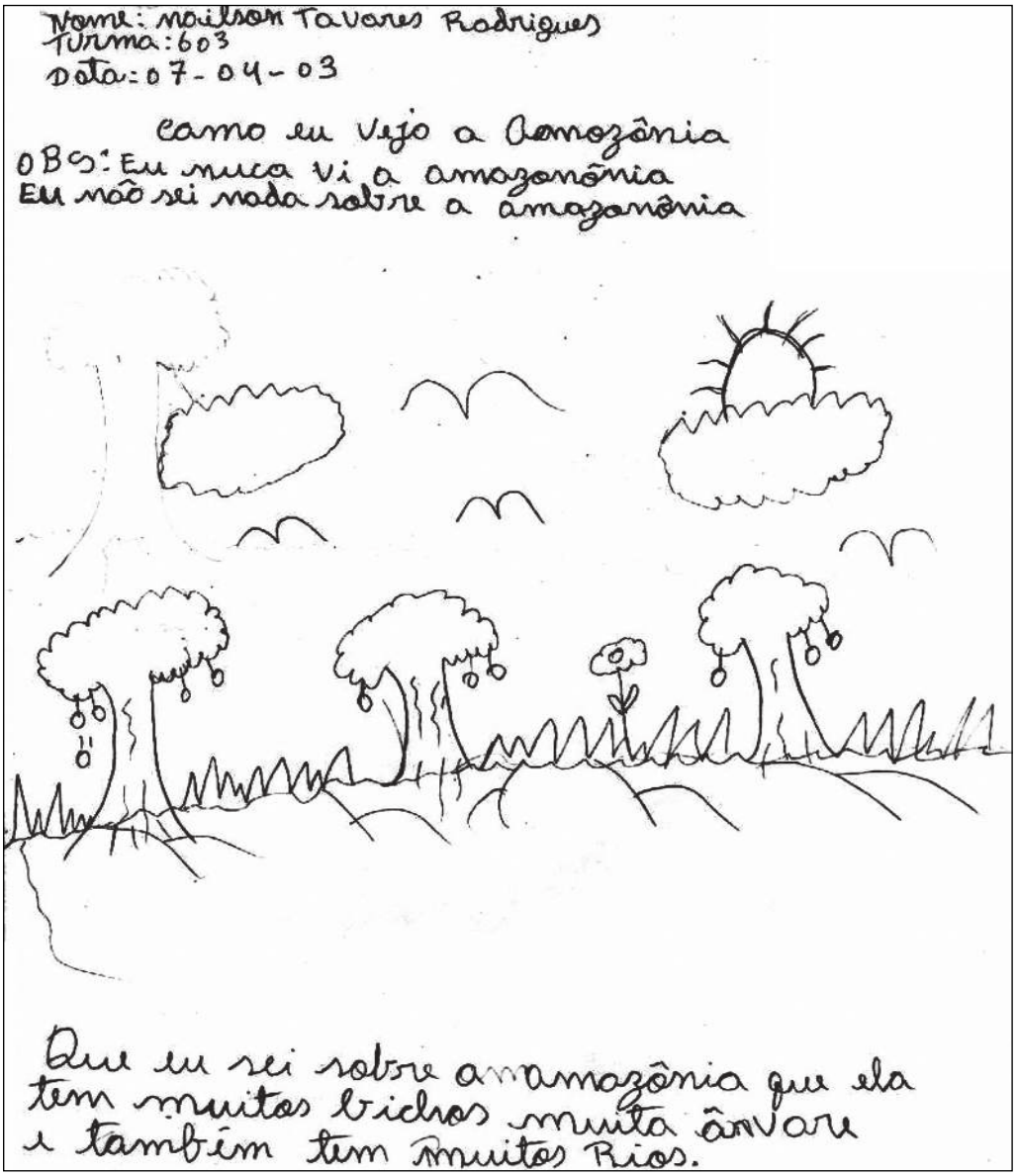


Figura 3

"Eu nunca vi a Amazônia. Eu não sei nada sobre a Amazônia. Que eu sei sobre a Amazônia que ela tem muitos bichos muita árvore e também tem muitos rios" Atividade elaborada pelo aluno Nailson, 13anos (2003).

Das atividades que selecionamos para explicitar as representações dos(as) alunos(as) sobre a Amazônia, especial destaque queremos dar ao trabalho elaborado pela aluna Sarai. A visão romantizada sobre a região, mais uma vez se manifesta: a "Amazônia é um lugar lindo"; porem nesta representação, pela primeira vez aparece o "homem", travestido na figura do

"habitante"; mas este homem não produz geografia, ele não é um ser histórico; é um ser que não trabalha, não produz. Esta representação é marcada pela total des-historização. Destaca ela que os habitantes dessa região morrem, mas não em função dos conflitos de terra tão presentes no dia-a-dia amazônico; não pela fome, pela desnutrição que acomete a tantos; não pela violência urbana que cresce na mesma proporção que se urbaniza a fronteira; morrem atacados por tigres, leões ou até mesmo por espécies da fauna autocne.

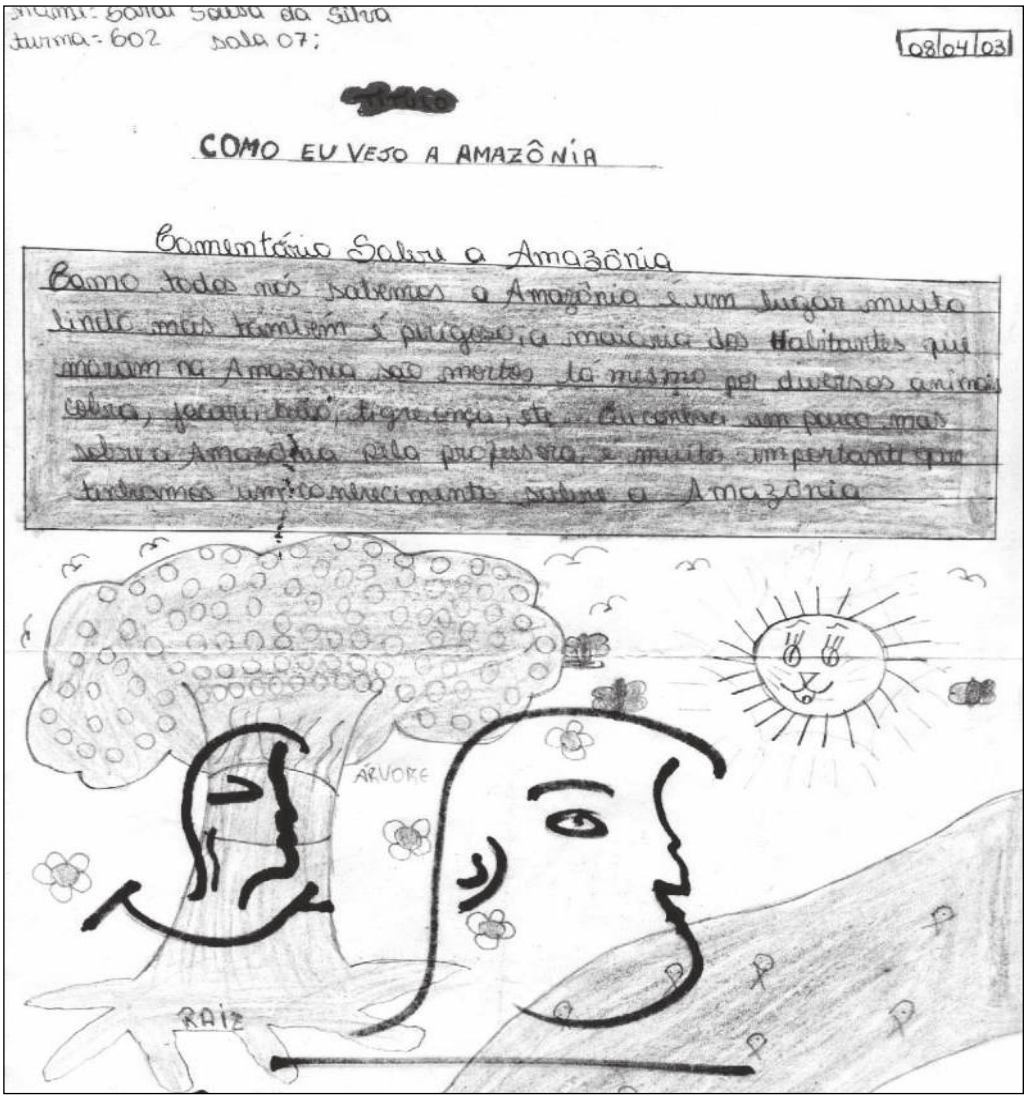


Figura 4

"Como todos nós sabemos a Amazônia é um lugar muito lindo mas também é perigoso, a maioria dos Habitantes que moram na Amazônia são mortos lá mesmo por diversos animais cobra, jacaré, leão, tigre, onça, etc...eu conheço um pouco mas sobre a Amazônia pela professora, é muito importante que tenhamos um conhecimento sobre a Amazônia" Atividade elaborada pela aluna Sarai, 12 anos (2003).

Amazônia: um espaço onde a dialética homem-natureza não existe

Um segundo conjunto de atividades por nos selecionadas, tem em comum o fato de manifestarem representações sociais nas quais a Amazônia se restringe a aspectos naturais. São representações nas quais o naturalismo manifesta-se como tônica. A historia não existe. A relação sociedade-natureza não é percebida por estes(as) alunos(as).

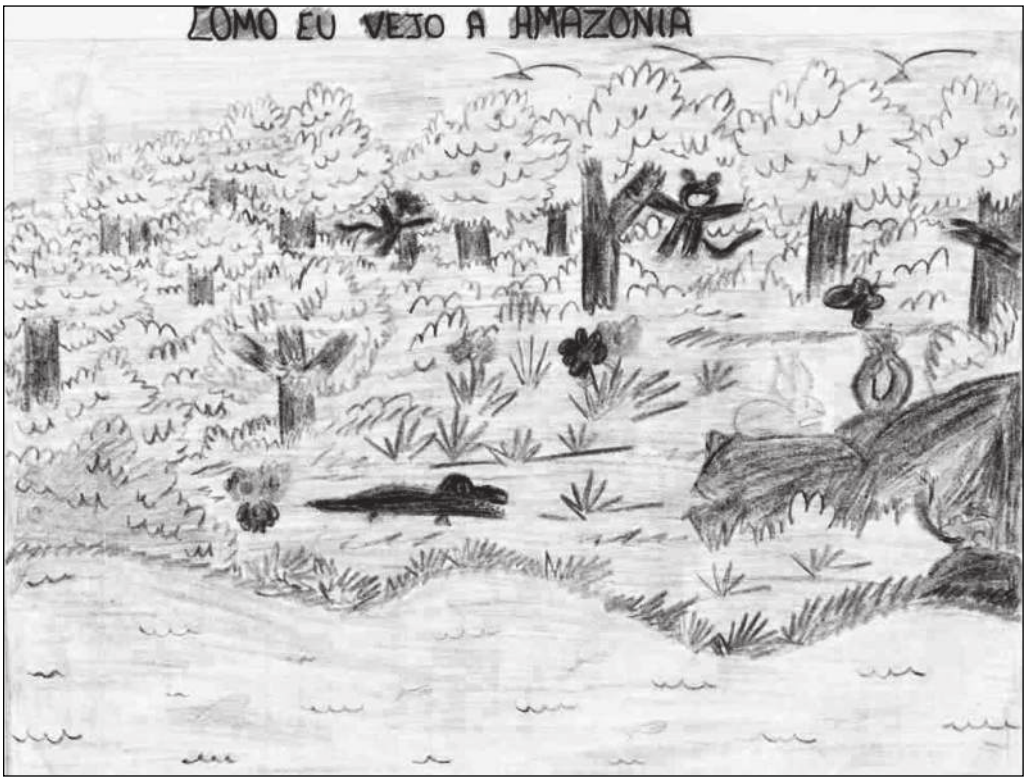


Figura 5

Atividade elaborada pela aluna Jordana, 14 anos (2002)

A representação sobre a Amazônia presente na figura 5, é a de uma floresta sempre verde, onde os animais parecem estar no "paraíso". E o Éden! (sem direito a presença do Adão e da Eva) que não sofreu ainda qualquer alteração provocada pelo homem. Há nas representações dos alunos e alunas, a existência de uma natureza harmonia e perfeita. Neste "espaço" não há lugar para o homem. Ele não existe. Seria então a Amazônia o "vazio demográfico" tão difundido no discurso utilizado para justificar as políticas desenvolvimentistas elaboradas para a região nas décadas de 1970/80?

As representações, não esqueçamos, são reproduções dos esquemas de pensamento socialmente estabelecidos, de visões estruturadas por ideologias dominantes. Nesse sentido, interessante é resgatar o estudo feito por Nahum (1999) que nos ensina que, nos discursos

difundidos sobre a Amazônia, a natureza é um tema sempre presente, porém desumanizada. Segundo este autor:

> A natureza neutra, então, é o local a - histórico anterior a qualquer começo, palco silencioso à espera dos atores e do enredo. Natureza imaculada – anterior a qualquer Adão e Eva, ou mesmo silenciando-os quando apareceu, trata-se de algo meio sagrado e profano. (op. cit: 39)

Esta natureza neutra, este lugar a-historico do qual nos fala Nahum (op. cit) também é presente na Figura 6, elaborada pela aluna Aneuza



Figura 6

Atividade elaborada pela aluna Aneuza, 14 anos (2002).

Neste segundo desenho, na Amazônia paradisíaca, houve o esforço da aluna para incluir todas as "criaturas de Deus", ate mesmo "o rei dos animais". Nota-se que alem da floresta, elemento sempre presente nas representações sobre a paisagem regional, houve o acréscimo do rio.

Como sabemos, na Amazônia os rios são elementos fundamentais no cotidiano, sobretudo da população ribeirinha, que deles retiram a base de seu sustento, bem como escoam o excedente de suas produções e por eles se deslocam, criando importantes fluxos de pessoas e mercadorias. Mas a ocupação recente da região, marcada por abertura de rodovias,

que atraíram para suas margens não só os novos sujeitos chegados à Amazônia, mas também muitos dos membros das sociedades tradicionais que habitavam as florestas e as várzeas. Os rios têm sua importância relativizada. Passam a ser objeto de ações de garimpeiros que poluem suas águas com o mercúrio, desmontam os barrancos que os margeiam por meio de jatos d'água, acelerando o processo de assoreamento; assoreamento e poluição que em outros rios vêm sendo provocados pela ação das empresas agropecuárias que avançam suas culturas inclusive sobre as matas ciliares. Não esqueçamos, também, dos rios que estão sendo barrados para gerar energia que se quer chegam à maioria das cidades, vilas e povoados existentes na região. Nas representações dos alunos e alunas, muitos deles(as) oriundos de cidades interioranas comumente localizadas às margens de rios amazônicos, a hidrografia representada apresenta-se harmonicamente presente na paisagem. Não sofreu interferência do homem.

Tais representações, acreditamos, resultam de discursos que são difusores da idéia de uma natureza intocada, infinita. Conforme afirma Nahum (op. cit), esta natureza que os discursos difundem, nunca é concebida enquanto campo de disputa, não é apropriada de forma privada, não é transformada para atender necessidades capitalistas. Não há ação humana sobre esta natureza. Acreditamos que como resultado da assimilação destes discursos, nossos(as) alunos(as) acabam construindo uma representação estereotipada da Amazônia, fantasiosa, fruto dos discursos, que ao longo dos anos, vêm apagando a presença de homens e mulheres e suas diversas formas de se relacionar no espaço Amazônico.

Destacamos, dentre este segundo conjunto de atividades, o trabalho feito pelo aluno Joel. Nele foi incluído o "índio" que "pesca", que trabalha. Sim, a categoria trabalho aparece. Os índios trabalham e produzem o espaço. O autor incluiu em seu desenho a figura de índios em pleno uso de suas tecnologias, incluiu também a aldeia. O que poderia ser considerado um diferencial em relação às demais representações manifestadas, nada mais é do que a reafirmação dos estereotipo, de mistificações que bloqueiam um olhar mais critico sobre a realidade amazônica.

A Amazônia que só vê através da Mídia

O ultimo conjunto de atividades produzidas pelos(as) alunos(as) por nos selecionados, apresenta uma Amazônia que só é conhecida por eles(as) graças à mídia. Acreditamos que estas representações, ao atribuírem à mídia o papel de divulgador, socializador de um conhecimento sobre a Amazônia, explicitam, a bem da verdade, a própria fonte, a partir da qual, estas representações foram elaboradas.

Nos exemplos abaixo, e perceptível a influencia da televisão na visão que os alunos têm da Amazônia.



Figura 7

«É um lugar de animais e da natureza e um lugar de pesca de índios de trabalho os índios trabalham todos os dias Amazônia e um lugar de beleza de maravilhas Amazônia e abençoada». Atividade elaborada pelo aluno Joel, 12 anos (2003).

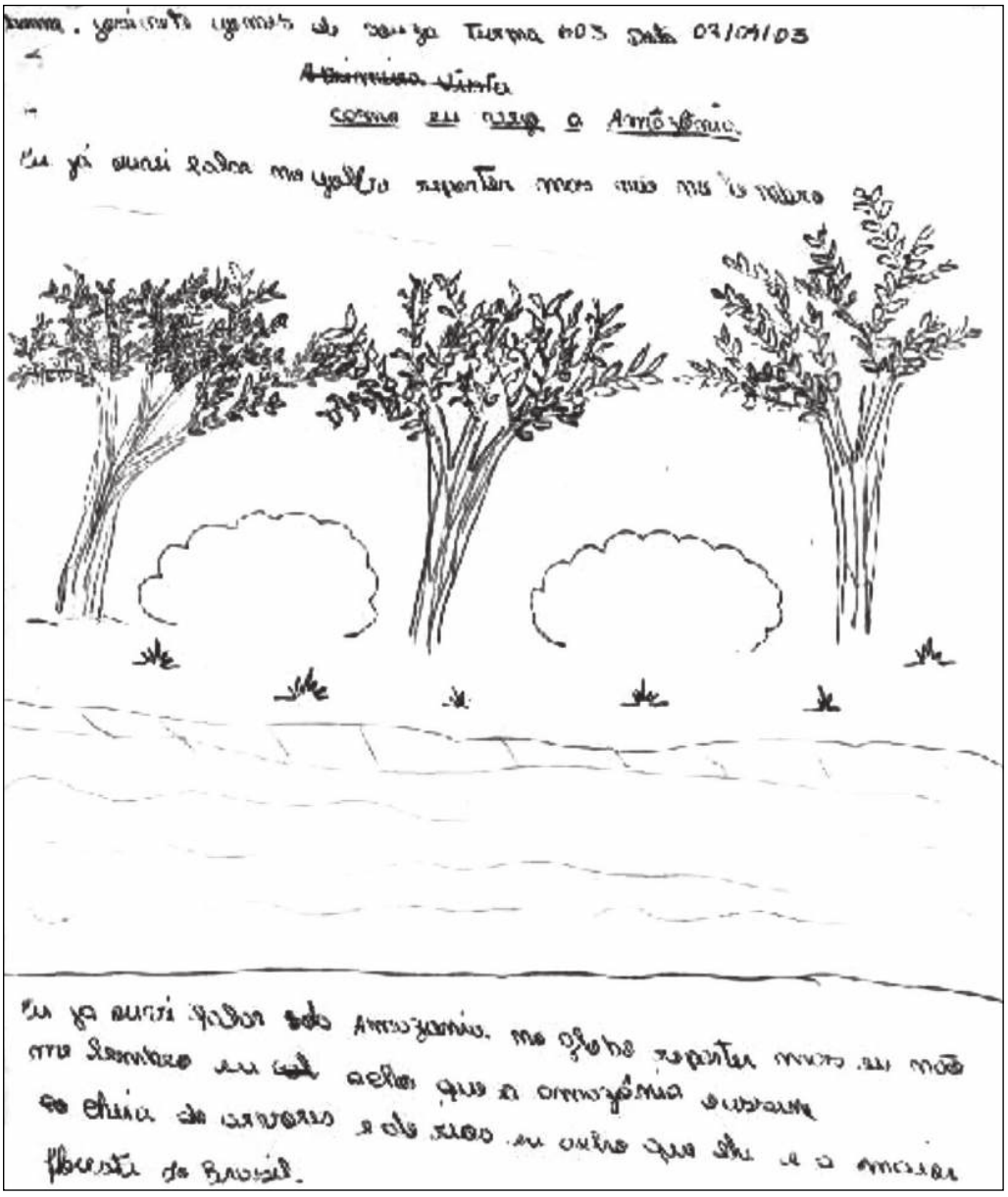


Figura 8

"Eu já ouvi falar no golbo repórter mas não me lembro. Eu acho que a Amazônia assim, cheia de arvores e de rios eu acho que ela e a maior floresta do Brasil". Atividade elaborada pela aluna Josinete, 13 anos (2003).

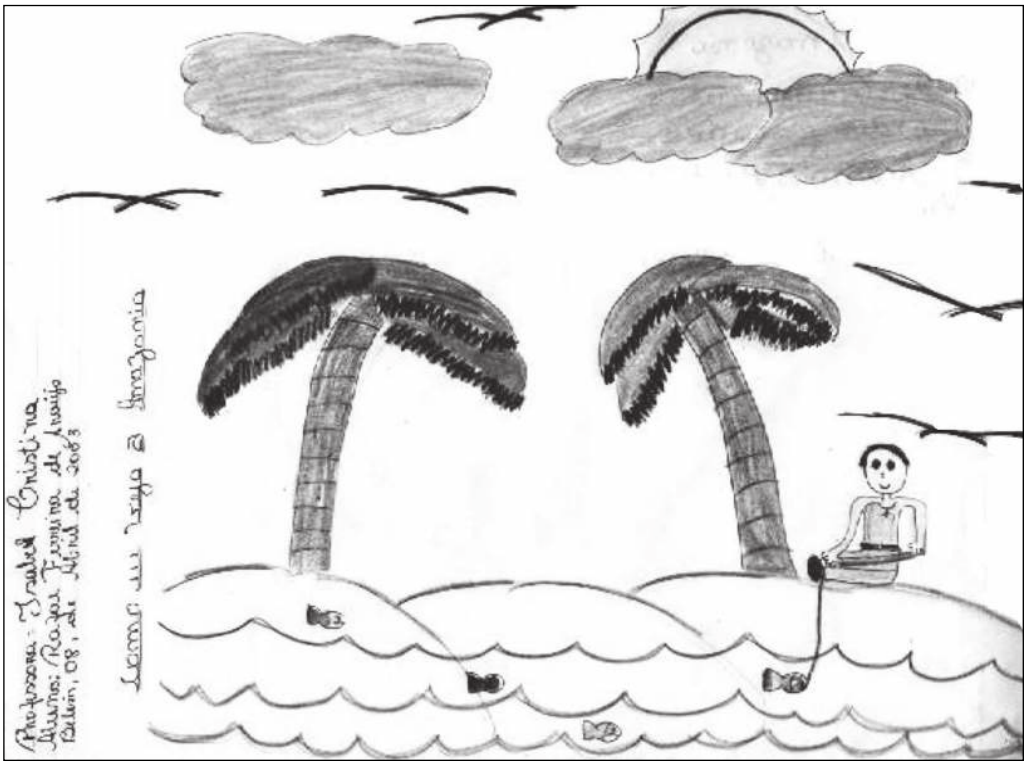


Figura 9

"eu imagino a Amazônia muito bonita com muitas arvores e grandes pescadores. Peixes e Animais de todas as espécies. Isso tudo eu vi na televisão". Atividade elaborada pelo aluno Rafael, 13 anos (2003).

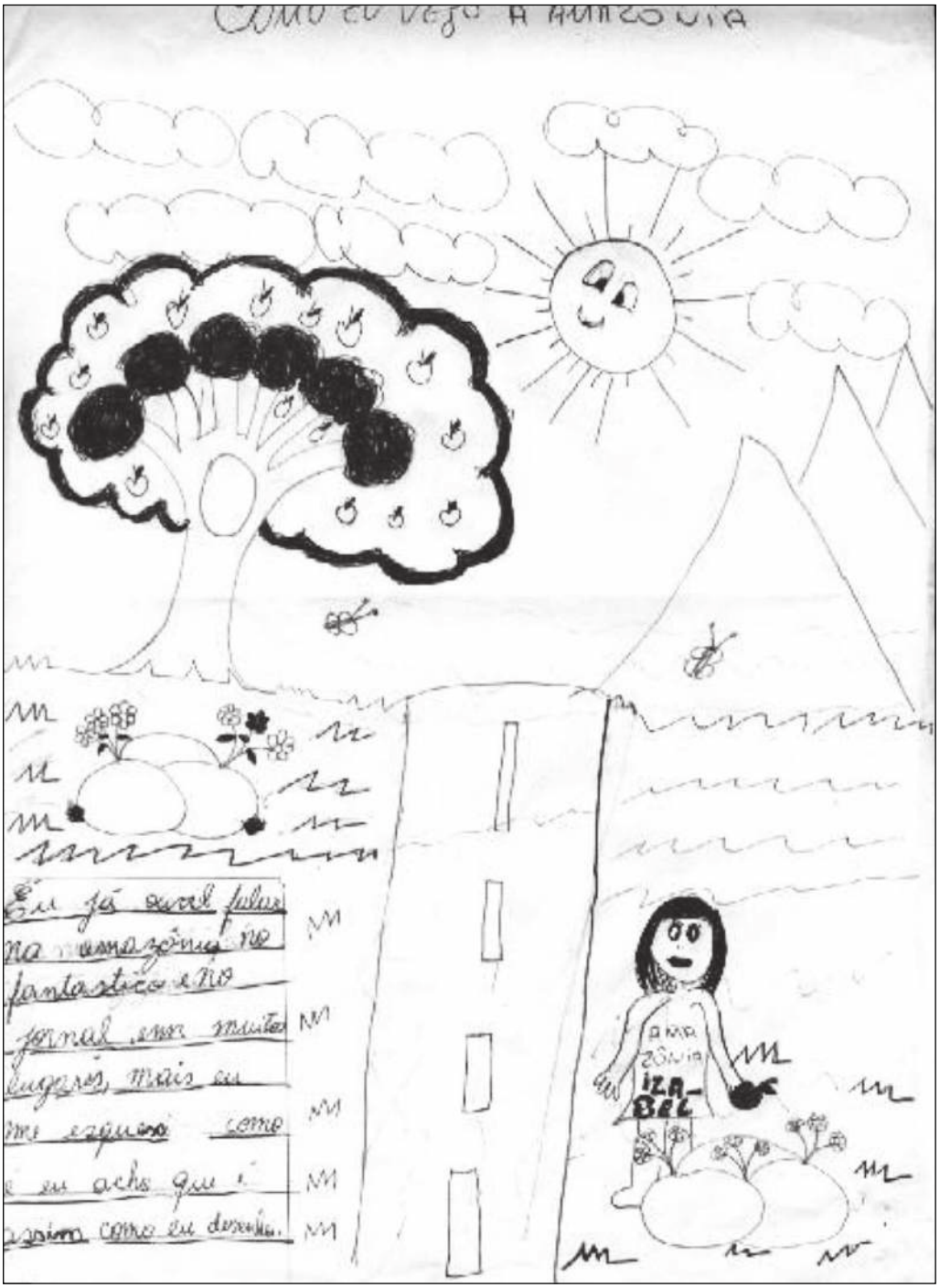


Figura 10

"eu já ouvil falar na Amazônia no fantástico e no jornal em muitos lugares, mais eu me esqueso como é eu acho que é assim como eu desenhei". Atividade elaborada pela aluna Angélica, 12 anos (2003).

Nas figuras 8, 9 e 10, podemos observar que as representações sobre a Amazônia vêm em grande parte influenciada pela televisão. Este que é hoje o principal meio de comunicação, grande influencia exerce na manutenção e fortificação das representações sociais existentes, bem como para criar novas representações.

A grandeza dos recursos naturais amazônicos é sempre massificada através dos documentários e reportagens produzidos pelos diversos canais de televisão. Nestas representações elaboradas e difundidas pela televisão, os habitantes do espaço Amazônico, são na maioria das vezes, excluídos desse "cenário". A Amazônia é um outro lugar visto a partir do Rio de Janeiro ou São Paulo, cidades que são sede de grandes emissoras de televisão. Ela não é urbana, é só floresta, rios, animais.

Para um aluno que vive em uma cidade amazônica (não realizamos estudos com alunos que vivem no campo, nas florestas ou nas margens dos inúmeros cursos d'água existente em toda a região), a exemplo dos alunos que vivem em Belém e que fizeram parte desse estudo, em suas representações sobre a Amazônia não há lugar para cidades, metrópoles, o urbano propriamente dito. Em suas representações sociais, Belém não pode ser parte da Amazônia, pois só é considerada Amazônia os espaços onde nas paisagens predominam os elementos de uma natureza intocada.

Conclusão

Como tivemos oportunidade de demonstrar, os alunos que chegam as salas de aulas trazem consigo representações sociais estereotipadas, mistificadoras sobre a Amazônia. Nestas representações, a nossa região é um lugar distante da qual o(a) aluno(a) não faz parte. Mesmo vivendo na segunda maior cidade localizada na Amazônia, estes(as) alunos não se consideram amazônicos. Não se identificam como amazônidas, não estabelecem com esta região uma relação de pertencimento.

Em seus desenhos e textos, fica a explicito que eles e elas não se sentem amazônidas, pois em suas representações a Amazônia é um cenário no qual ou só se admite a presença do índio, ou então nem um tipo de sociedade lá habita. A Amazônia é quase um Éden, um paraíso perdido, onde floresta, rios, animais vivem sem a interferência humana, sem crimes ambientais. Mesmo nas representações onde a figura dos indígenas foi destacada, estes aparecem como um elemento a mais na paisagem. Não são homens e mulheres históricos, produtores e reprodutores de espaços socialmente construídos. Não aparecem nunca como sujeitos que lutam para preservar sua cultura, identidade, que vivem a constante ameaça da expansão capitalista sobre a região.

Percebemos, também, que é forte a influencia da televisão na elaboração destas representações, e como conseqüência, vê-se que estas representações sociais dos (as) alunos (as) do ensino fundamental cada vez mais refletem formas alienantes de vê a história, os grupos sociais e a cultura amazônica.

Desvelar estas representações nos desperta o interesse de compreender de que forma o currículo e a disciplina Geografia, no Ensino Fundamental, podem contribuir

para desmistificar o papel que estas exercem na leitura de mundo de nossos(as) alunos(as) e nas nossas próprias. Ter clareza dessas representações sociais possibilita-nos, enquanto educadores(as), contribuir para que nossos(as) alunos(as) possam, então, desvelá-las e assim re-elaborem o seu conhecimento sobre a região na qual eles e elas vivem e são protagonistas. Acreditamos, portanto, que 'abrir' as representações ao pensamento, efetivamente possibilita que as mesmas sejam atravessadas por ações transformadoras que orientem cada obra a atingir os objetivos a que se propõem, como bem nos chamou atenção Penin (op. cit).

Referências

CAVALCANTI, L. S. *Geografia, Escola e Construção de Conhecimentos*. Campina, SP: Papirus, 1998.

CAVALCANTI, L. S. *Geografia e práticas de ensino*. Goiânia: Alternativa, 2002.

COELHO, G. M. C. História e Identidade cultural na Amazônia. In: D'INÇÃO, M. A.; SILVEIRA, J. (Org.). *A Amazônia e a crise da Modernidade*. Belém-Pa: Museu Paraense Emílio Goeldi, 1994.

GONÇALVES, C. W. P. *Amazônia, amazônias*. São Paulo: Contexto, 2001.

GTA - Grupo de Trabalhadores Amazônicos. *Pelo Futuro da Amazônia*. Brasília-DF: Eletrônica, 2002.

GUARESCHI, P.; JOVCHELOVICH, S. (Org.). *Psicologia Social:* Textos em Representações Sociais. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

JARDIM, J. M. *Informações e Representações Sociais*. Capinas, SP: Revista Transinformação, v. 8, 1996.

KUHNEN, Ariane. *Psicologia Ambiental:* Representações Sociais e Meio Ambiente. Florianópolis: UFSC, 2001.

LOUREIRO, V. R. *Amazônia:* Meio Ambiente. Belém: Distribel, 2002.

MONTEIRO, Alcidema (Org.) et al. *O Espaço amazônico:* Sociedade & Meio Ambiente. Belém: NPI/UFPa, 1997.

MOSCOVICI, Serge. Prefácio. In: GUARESCHI, P.; JOVCHELOVITCH, S. (Org.). *Psicologia Social:* Textos em Representações Sociais. 6. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2000.

MOSCOVICI, Serge. *Prefácio*. A Representação Social da Psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

NAHUM, J. S. *A Amazônia dos PDAs:* uma palavra mágica? Belém: UFPa, 1999.

PEDRA, J. A. *Currículo, Conhecimento e suas Representações*. 6. ed. Campinas, SP: Papirus, 2002.

PENIN, Sonia. *Cotidiano e Escola. A obra em Construção*. São Paulo: Cortez, 1995.

PONTUSCHKA, N. N. *Geografia, Representações Sociais e Escola Pública*. São Paulo: AGB Nacional, 2000.

TEVES, N.; RANGEL, M. (Org.). *Representação Social e Educação*. Campinas, SP: Papirus, 1999.

VIOLETA, R. L. Amazônia História e Análise de Problemas – o período da borracha aos dias atuais. Belém: Distribel, 2002.

Recebido para publicação em maio de 2006
Aprovado para publicação em junho de 2006